Percursos femininos em Lúcia Miguel Pereira

Patrícia DA SILVA CARDOSO
Universidade Federal do Paraná

Para Cesira, Constância e Beatriz

Em 1914, importante momento na história das lutas pelos direitos das mulheres como foi o movimento sufragista, o escritor português Júlio Dantas publicou o volume *Figuras d'ontem e d'hoje*. Nele destaca-se um pequeno texto com ar de crônica, intitulado « A Eva moderna », no qual sinteticamente apresenta-se a imagem contra a qual naquela altura tinha que se bater quem optasse pela defesa da igualdade de direitos entre homens e mulheres. Em atitude provocativa, o autor utilizava-se às avessas do termo « moderna », de grande apelo para o imaginário associado a transformações de caráter progressista, já que o colocava a serviço de uma imagem de mulher bastante conservadora. A seu ver,

> Na febre das reivindicações feministas, a [mulher] inglesa atirou pela janela fora a sua melhor arma na luta com o homem : o seu encanto de mulher. A francesa, pelo contrário, guarda avaramente esse encanto, cultiva-o, aumenta-o, aperfeiçoa-se cada vez mais na arte de seduzir o homem, reveste-se duma voluptuosa fraqueza, colabora com ele na mentira maravilhosa da beleza e da graça [...] e acaba por fazer dele o que quer, por arrastá-lo para onde quer, como um farrapo, como um boneco, como uma coisa. [1]

De acordo com os argumentos de Dantas, a modernidade não se encontrava na atitude das sufragistas – descritas por ele como « roucas, violentas, desgrenhadas, masculinas, invectivando de punhos cerrados a multidão » [2] – e sim na das mulheres francesas, verdadeiras mestras em seduzir os homens através de posturas em que não apenas

1. Júlio Dantas, « Eva moderna », in *Figuras d'ontem e d'hoje*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1914, p. 55.
2. *Ibid.*, p. 54.

sua subserviência não fosse questionada, antes pelo contrário, servisse como principal arma. Ou seja, modernas eram as que pactuavam com a situação estabelecida, que em nada favorecia a mudança de estatuto do feminino. Insistindo na suficiência do exercício de um domínio sobre o homem conquistado a partir de expedientes de natureza direta ou indiretamente sexual, o autor à partida invalida o objetivo sufragista de garantir à mulher a passagem da esfera doméstica à pública para exercer um papel social independente e legítimo, chegando mesmo a declarar que as sufragistas

> [...] hão de ser vencidas na luta com o homem, sobretudo porque a sua obra, além de contraditória com a fisiologia e com a psicologia da mulher, é uma obra destruidora de toda a harmonia, de toda felicidade e de toda a beleza. O enigma da mulher resume-se nisto : ser bela, para ser possuída. [...] A sua prodigiosa força nasce da sua fraqueza : o seu supremo encanto provém da sua – como direi ? – da sua maravilhosa subalternidade [3].

Como sabemos, naquele contexto histórico esse tipo de argumentação encontrava respaldo. Dantas, portanto, estava longe de ser uma voz isolada em sua compreensão acerca da natureza feminina e do que se podia esperar das mulheres e permitir-lhes. Hoje a situação é bem diversa. A defesa de um lugar ativo para a mulher é uma campanha que ultrapassa um setor específico, atingindo a própria ONU, que criou uma instância com tal fim, a ONU Mulheres :

> Ciente do papel das empresas para o crescimento das economias e para o desenvolvimento humano, a ONU Mulheres e o Pacto Global criaram os « Princípios de empoderamento das mulheres ». Os Princípios são um conjunto de considerações que ajudam a comunidade empresarial a incorporar em seus negócios valores e práticas que visem à equidade de gênero e ao empoderamento de mulheres. [4]

Pouco mais de cem anos passados, a tônica é a do empoderamento, estratégia que visa garantir à mulher sua inserção efetiva e de qualidade no mundo social e econômico. Nesse período de tempo houve de fato conquistas, entre elas a de problematizarem-se institucionalmente retóricas como a de Júlio Dantas. Hoje, um cavalheiro que se ponha a fazer afirmações como as que, « cheio de espírito », ele fizera em 1914, certamente encontrará um número expressivo de vozes dispostas a contradizê-lo veementemente, com respaldo legal, organizadas em torno de motes como « lugar de mulher é onde ela quiser ». Atentando para os termos desse mote, se não for suficiente o que a própria realidade oferece, não é difícil concluir que as conquistas alcançadas neste período ainda não nos levaram a um estado de equilíbrio nas relações – e não « luta », como entende Dantas – entre homens e mulheres. Essas palavras de ordem apontam para um percurso de libertação das mulheres que ainda não se completou, já que continua

3. *Ibid.*, p. 55.

4. Cf. a cartilha com o objetivo de promover a inclusão social e econômica disponível no site da ONU Mulheres : « Princípios de empoderamento das mulheres », disponível em : <[http ://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/] :(http ://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/)>. Acesso em 21/10/2017.

a fazer sentido reivindicar a liberdade de se viver de acordo com as próprias escolhas sem que tais escolhas impliquem marginalização.

Ao mesmo tempo, hoje parece ser primordial garantir que tal percurso se complete, deixando-se de lado a discussão sobre o estatuto da liberdade enquanto princípio. Penso, como exemplo rápido extraído de um contexto de forte engajamento como é o blog *Lugar de mulher*, no modo como se encerra a discussão sobre o qualificativo « vagabunda ». No post « Tudo vagabunda » lemos o seguinte :

> Nós mulheres passamos a vida inteira fugindo do título de « vagabunda » como o cunha foge da polícia. O que acontece, gatas, é que se um cara quiser dizer que você é uma vagabunda, ELE VAI DIZER. Não interessa se você é virgem. Não interessa que ande de burca.
>
> [...] Você será chamada de vagabunda se dispensar o cara. Você será chamada de vagabunda se trepar no primeiro encontro. Você será chamada de vagabunda se cortar o cara no trânsito. Você será chamada de vagabunda se comer o último pedaço de bolo do aniversário da firma, se perder o deadline, se não quiser dar, se ganhar a vaga de emprego que ele queria, se estacionar no local que ele gosta de estacionar, se adorar fazer sexo oral, se odiar fazer sexo oral [...].
>
> Existem milhares de motivos para sermos chamadas de vagabundas. Se você ainda não foi, fique esperta : a qualquer momento, você será contemplada.
>
> Então eu sugiro que você abrace o título. Que você seja uma vagabunda com muito orgulho, que você se autoproclame uma vagabunda gold edição super luxo antes que qualquer zé mané venha a fazer isso por você. Eu sugiro que, se você e sua amiga tiverem exatamente o mesmo comportamento e um cara definir que uma é uma vagabunda e a outra, não, vocês duas se abracem, apontem na cara dele gargalhando e dêem adeusinho.
>
> Sabe o que é ? Me parece que ser uma vagabunda está muito próximo de ser uma mulher livre.
>
> Seja vagabunda. Seja livre. Seja heroína. [5]

Aqui, a garantia do exercício da liberdade, objetivo final, é o que orienta a atitude a ser adotada. Tudo é posto em termos muito simples : se ser uma vagabunda está muito próximo de ser uma mulher livre – por que *muito próximo*, apenas, não se explica no texto – então o que se deve é assumir-se como parte dessa categoria e ser heroína da causa da liberdade. Diante disso, pergunto-me como se leem hoje romances como os de Lúcia Miguel Pereira, em que a descrição do processo de libertação feminina articula-se indissociavelmente com a atenta reflexão sobre os sentidos da própria liberdade. Sua enxuta obra de quatro romances, publicada entre as décadas de 1930 e 1950, é completamente dedicada a explorar os impasses com que se depara a mulher à medida que se ampliam suas opções profissionais e pessoais. Como compreender hoje os dramas vividos, sem qualquer traço da leveza que se desprende do *post* acima

5. Clara Corleone, « Tudo vagabunda », disponível em : <http://lugardemulher.com.br/tudo-vagabunda/>. Acesso em 21/10/2017.

citado, pelas personagens Maria Luísa, Cecília, Maria Aparecida e Ângela, cada uma à sua maneira e em seu ambiente confrontando-se com as implicações exclusivamente negativas e irreversíveis de ser identificada como vagabunda, a ponto de a liberdade não ser vista como um bem em si, que valha qualquer sacrifício ?

Pensando nisso, imagino que a leitura dos romances de Lúcia Miguel adquira um significativo valor histórico para uma geração que, beneficiária das conquistas anteriores, perca de vista o peso de certas distinções, como esta, tradicionalíssima, entre sérias e vagabundas. Ao mesmo tempo, as implicações do exercício da liberdade, de seu estatuto, tal como é representado na sua obra, inscrevem a luta das mulheres num plano maior, em que os princípios morais – característicos da distinção séria/vagabunda – são substituídos pelos princípios éticos, com isso atribuindo à mulher um papel social de responsabilidade na construção de relações humanas orientadas não apenas pela ideia de igualdade, mas também pela de justiça.

Como já tive oportunidade de observar, no posfácio ao volume *Ficção reunida* de Lúcia Miguel Pereira, seus quatro romances descrevem o percurso da mulher em direção à liberdade, no que diz respeito às constrições comportamentais. Cabe a *Cabra-cega*, sua última obra, dar conta de uma experiência de desopressão muito peculiarmente representada. Situando a história no Rio de Janeiro dos anos 50 do século 20, a autora focaliza uma sociedade cujo processo de mudança encontra-se num momento agudo, com certos valores e atitudes tradicionais sendo questionados, ao mesmo tempo em que os avanços são insuficientes para uma efetiva reconfiguração social.

Através da trajetória de Ângela, a protagonista, o leitor tem a oportunidade de acompanhar a dimensão da dificuldade envolvida no embate entre os movimentos de conservação e ruptura. Prestes a completar 16 anos, a jovem vive de forma intensa a turbulência própria das experiências de transformação, desde o nível mais íntimo, pois está saindo da infância em direção à vida adulta. Caberá a ela escolher o modo como passará à nova etapa, se levando adiante os valores do passado – aos quais se liga principalmente por intermédio de sua avó paterna, a quem devota uma admiração incondicional –, sem questioná-los, pautando-se neles em sua conduta, ou abrindo-se para explorar formas alternativas de relacionar-se com a família e no plano social. Trata-se, à partida, de vincular-se o rito de passagem que o leitor acompanhará ao problema da responsabilidade individual, pois qualquer que seja a escolha da protagonista, ela deverá assumi-la com as suas consequências. E, como se essa não fosse complicação suficiente, a evolução da trama indicará a precariedade de escolhas baseadas na simples oposição entre passado e futuro, entre conservação e ruptura.

Inconscientemente, como a querer retardar a passagem e fugir da responsabilidade própria das situações de escolha, Ângela busca abrigo na chácara que circunda a casa onde mora – é seu quinhão de natureza, espaço simbólico de um estado de pré-cultura e, portanto, anterior ao estabelecimento das regras que pautam a relação indivíduo-sociedade. Na abertura do romance vêmo-la nesse espaço, a tentar prolongar a infância da qual precisará despedir-se :

> Ângela olha para todos os lados : felizmente não há ninguém por perto, estão fechadas todas as janelas do oitão. Cautelosa, ainda se afasta mais,

> vai para trás da jaqueira grande. Então, quase incrustada numa reentrância do tronco rugoso, com as asperezas da casca a lhe arranharem as costas, tira rapidamente os sapatos e as meias.
>
> O primeiro contato não traz o prazer esperado. Torrões e pedrinhas magoam-lhe os pés. Mas logo avista, mais adiante, um trecho de lama, boa, lisa, morna, pegajosa. Uma onda de gozo a aquece quando sente, afinal, a carícia úmida. Fazendo-se pesada, consegue enterrar-se até quase os tornozelos. Não se contém que não se abaixe e não encha também as mãos de terra molhada, apertando-a para vê-la sair em tiras por entre os dedos. [6]

Quando se assegura de estar livre dos olhares zombeteiros dos familiares – afinal, ela não é mais criança para brincar na lama – a protagonista « acalma-se contemplando as janelas fechadas, sentindo-se resguardada pela solidão, dona de si » [7]. É a primeira vez que a expressão « dona de si » aparece no texto, apontando para a liberdade almejada com grande angústia pela protagonista e conseguida aqui, na solidão da chácara. Como adiante veremos, trata-se de uma expressão importante para dar conta de sua relação com a ideia de liberdade. Neste início do texto, registre-se a fragilidade dessa liberdade porque ela é vigiada, podendo, a qualquer momento, desaparecer. Outras vezes ao longo da narrativa Ângela se dirigirá ao mesmo espaço para reviver o prazer infantil, que encena uma imersão na natureza e o consequente desvencilhar-se das exigências próprias do estado de cultura que afinal, sem que ela tenha consciência disso, é o seu desde sempre, pois mesmo muito jovem seu comportamento é fruto das referências familiares e sociais que a acompanharam até ali.

Nesse sentido, o traço angelical da personagem, sublinhado por seu nome, é o primeiro elemento a indicar a complexidade que a envolve. Ângela merece o nome mais por uma questão de ingenuidade do que pelo exercício da bondade que se atribui aos anjos. Sua confiança em um modelo de retidão moral, que ela julga ser seguido por todos os membros de sua família, leva-a a agir de modo orgulhoso e mesquinho, já no início da narrativa. Horrorizada com a evidência de que Jorge, seu irmão, frequentava o quarto de Nazaré, a copeira, ela acusa falsamente de roubo a empregada, despedindo-a sumariamente, numa ação que terá sérias consequências.

Aqui começam seus problemas – e os do leitor, que deverá ficar atento aos passos da personagem para perceber onde quer chegar a autora. A protagonista, como se vê, está longe de encarnar a mártir da causa da libertação feminina – ou de quem quer que seja, aliás –, sendo ela própria uma agente da opressão, se considerarmos sua falta de solidariedade para com Nazaré. Move-a sempre o horror a tudo o que não seja sério. Portanto, a atitude do irmão em relação à copeira enoja-a a ponto de levá-la a distanciar-se dele irreversivelmente. Mas esse horror não é suficiente para fazê-la querer romper com uma lógica que não altera o princípio em que se baseia o comportamento de Jorge. Nazaré paga por um erro que, no mínimo, foi partilhado com o rapaz, se é que não coube a ele a responsabilidade total pela situação, considerando-se a assimétrica relação de força entre patrão e empregada. A fúria moralizadora de Ângela não é suficiente para que ensaie mudar o desfecho de uma história tantas

6. Lúcia Miguel Pereira, *Cabra-cega*, in *Ficção reunida*, Curitiba, Editora UFPR, 2006, p. 371.
7. *Ibid.*

vezes repetida, isso porque ela acredita que denunciar a situação é uma forma de contaminar-se com a baixeza que dela se desprende : « Sabe entretanto que não terá coragem de denunciá-los ; nunca poderia contar a ninguém, nem mesmo à avó, o que viu ; as palavras que teria de pronunciar lhe sujariam a boca. » [8]. Significativamente, o expediente de acusar a empregada não entra no cômputo da sujeira que contamina.

À medida que a narrativa avança, aumenta a dificuldade de Ângela manter-se fiel ao ideal de retidão e pureza e a um princípio dogmático para lidar com as situações em que se vai envolvendo pois, assim como acontece com Jorge, os demais integrantes da família revelam-se muito diversos das imagens construídas por ela. Confusa, pende entre as duas possibilidades encerradas pela expressão « dona de si » que vimos aparecer na cena de abertura para repetir-se muitas vezes ao longo do romance. A primeira dessas possibilidades diz respeito ao ambicionado autocontrole, essencial para garantir uma atitude séria, composta, diante da vida, característica de quem não questiona os parâmetros de conduta que aceita receber como herança. A outra corresponde à atitude inversa, de quem anseia por libertar-se desses mesmos parâmetros para criar as suas próprias regras.

Adere-se à primeira inquestionavelmente quando se está confortável com as referências que se tem e não se julga necessário alterar nada. Pacífica é tal adesão, funcionando o sujeito que a pratica como uma espécie de receptáculo vazio a ser preenchido com o conteúdo que carregará consigo e transferirá à próxima geração. No entanto, apesar da sugestiva tranquilidade, essa pode revelar-se uma escolha falaciosa quando acontecer, como acontece a Ângela, descobrir-se que há « uma distância entre intenção e gesto », ou seja, que o mundo não segue fielmente tal ordem e, no limite, sequer há uma ordem. Aí vem a crise, que pode jogar o sujeito contra o modelo, induzindo-o a aproximar-se da outra possibilidade, ou fazê-lo adaptar-se a ele ainda mais confortavelmente, assumindo como natural a distância, esquivando-se de qualquer tentativa de reformulação do que lhe chegou como herança. Quanto à segunda possibilidade, não chega a ser menos espinhosa, porque abraçar a mudança e romper com o modelo estabelecido exige tamanho desimpedimento, uma consciência tão aguda quanto aos graus de dependência dos valores erigidos como novos em relação àqueles que se crê ter superado, que é também a falácia que se insinua por trás dos grandes gestos de ruptura. Exemplar disso é Sílvia, a irmã de Ângela. Mais velha do que esta, livre das turbulências do rito de passagem em que a caçula se debate, declara ter feito sua escolha pela segunda possibilidade, refutando os valores ultrapassados que identifica no modo de vida familiar. Vendo-se como alguém livre, age, portanto, de maneira a confrontá-los, alimentando o desejo de experimentar a liberdade completa, longe da família. Senhora de si, Sílvia faz amizade com Ernestina Pontes, misterioso objeto do opróbrio do pai e do namorado de Ângela. Índice do seu enorme afastamento das regras dominantes naquele momento é a demora na revelação desse mistério : Ernestina é homossexual e talvez Sílvia também o seja, pela furiosa reação paterna quando a surpreende falando com a amiga ao telefone de madrugada. A ousadia da jovem – que a simples amizade com Ernestina indica, já que, naquele momento, relacionar-se, mesmo superficialmente, com alguém posto à margem da boa sociedade era visto como uma ameaça de contaminação –, sua determinação em romper com o padrão

8. *Ibid.*, p. 377.

que considera obsoleto parece parar por aí. Em uma rara conversa amistosa entre os três irmãos, explicitando seu saturamento com relação à família, ela dirá :

> « Ah, se estivéssemos mesmo num mundo diferente, sem barreiras, sem convenções... »
> « Que é que você faria ? »
> É Jorge quem pergunta [...].
> « Não sei... tanta coisa... o que me desse na veneta. Como é que posso prever ? Tenho horror a planos, tenho horror a tudo o que me prende. »
> [...] « Vocês querem que eu seja franca ? Tenho horror a esta casa, horror à vida que levamos. Eu não devia ter família. Às vezes invejo quem é só no mundo, quem não precisa prestar contas a ninguém. A família me pesa. » [9]

O desabafo de Sílvia evidencia a grande distância que a separa de Ângela, a qual se esforça por ver na família um esteio, não um entrave. Mas se essa compreensão as coloca em posições opostas, aproxima-as o princípio do horror com que ambas trabalham, intenso mas insuficiente para mobilizá-las efetivamente na consolidação de suas aspirações libertárias – no caso de Sílvia – ou de suas convicções morais – no de Ângela. Não é difícil ver na irmã mais velha a atitude caprichosa no lugar da revolta verdadeira. Quando do conflito com o pai a propósito de Ernestina, sua reação radical é sair da própria casa para exilar-se por algum tempo no desprestigiado Grajaú – de acordo com a perspectiva da sua classe –, lar das parentes pobres da mãe, que até ali ela apenas a custo suportara.

De resto, a libertária, sem dar-se conta disso, pelo contrário, crendo possuir a mais desimpedida das visões, partilha com a moralista o velho preconceito racial. Numa cena representativa do entrelaçamento de perspectivas, vê-se Ângela incomodada com a origem imigrante da mãe, descendente de alemães. Contrapondo-se a ela, Sílvia declara : « Deixe de tolices, Ângela, que importância tem descender de brasileiros ou de estrangeiros, de ricos ou de pobres ? Cá por mim, tanto se me dá. Só não gostaria de ser mulata ; por isso, até acho melhor ser como mamãe, vir só de portugueses e alemães. » [10].

Terrível cena esta, em que o preconceito revela-se naturalizado. Sílvia sequer tem necessidade de justificar-se por não querer ser mulata. Ela, que se ressente do peso da sua família conservadora, ignora o quanto desse conservadorismo a forma. Através do contraste entre o interesse homossexual da personagem – que a faz revoltar-se contra a família – e sua incapacidade de estender sua visão alternativa de afeto para outros setores, externos à sua esfera social, que muito se poderiam beneficiar com atitudes inconformistas, Lúcia Miguel Pereira indica o problema que envolve as atitudes de ruptura quando não são convictas, conscientes, quando não se assumem com a responsabilidade exigida para uma efetiva mudança.

Sílvia fez sua opção pela ruptura, mas seu nível de consciência é tão incipiente que ela é incapaz de dar-se conta do caráter superficial dessa ruptura. Abrigada por sua

9. *Ibid.*, p. 410.
10. *Ibid.*, p. 426.

classe, da qual jamais abdicará, assim como não abdicará da sua família, ela eventualmente poderá dar curso a suas experiências homossexuais, e só. Nesse dia sentir-se-á plenamente livre. Seu horror não tem força para fazê-la olhar para as mulatas e vê-las como iguais, talvez nem mesmo se em comum tiverem a orientação sexual. Por este rápido exemplo nota-se como a autora não simplifica a questão, mostrando que, quando se fala em liberdade, há muitos níveis envolvidos : o embate não opõe mulheres e homens, apenas, mas mulheres de classes e cores diferentes. Se essa barreira não for ultrapassada, a liberdade, se vier, será fatalmente parcial.

Hora de voltar à protagonista. A seu favor Ângela tem a grande dificuldade que é, para ela, satisfazer-se pacificamente com qualquer das duas vias. A imagem da cabra-cega do título não poderia ser mais exata para dar conta da situação da protagonista, tateando, de olhos vendados, sem conseguir reconhecer o que é necessário reconhecer – ela sequer sabe isso – para livrar-se do papel e passá-lo a outro. São vários os episódios da narrativa em que tal dificuldade se evidencia. Por uma questão de síntese, destaco o momento em que, escondida no escuro da biblioteca de casa, aonde se esgueirara para surrupiar um dos romances que lhe haviam sido interditos, a protagonista testemunha, à sua revelia, uma sombria conversa entre os pais – cujo tema principal é a amizade entre Sílvia e Ernestina –, determinante para o acirramento da sua crise em relação aos valores tradicionais.

> Desejo de socorrer a mãe, e, ao mesmo tempo, revolta por sentir-se humilhada nela. Repulsa e respeito pelo pai, cruel e digno. Isso tudo confuso, de mistura com a sensação de estar cometendo uma ação vil, com o medo de ser descoberta [...].
>
> Já não percebe mais o sentido das frases ; [...] Tarde demais... leviandade... arrependimento... piedade... incompreensão... decoro... sacrifício, palavras sem nexo, que lhe chegam soltas e lhe ficam a ecoar na cabeça vazia. Não, não as quer, não as pode mais ouvir. Tenta inutilmente rezar. Lá fora, na chácara, pássaros chilreiam : a sua doce voz alegre chega até o escritório, mistura-se às tristes vozes humanas, traz reminiscências de um mundo tranquilo em que não há conflitos nem angústias. Poder fugir, fugir para bem longe, para onde não a persigam a dolente queixa da mãe, a sombria entonação do pai.
>
> [...] O olhar que se alonga pela fresta do biombo vê os dois vultos [da mãe e do pai] passarem enlaçados.
>
> De novo só. Salva. Salva ? [11]

A cena dá conta da encruzilhada em que se encontra Ângela e da enorme, incontornável angústia em que mergulha. Diferentemente do que se passou no episódio envolvendo Jorge e Nazaré, agora ela identifica-se com ambos os lados e a ambos repele, sem conseguir ter a firmeza para optar, como fizera naquela altura. Também diferentemente da experiência na chácara, em que a solidão era uma *via* de acesso à tranquilidade, desta vez, mesmo finda, a dolorosa experiência perdura na memória, mantendo-se presente e provavelmente intensificando-se devido à solidão. Completa a

11. *Ibid.*, p. 403.

importância da cena a imagem de insuficiência do « mundo da natureza » – representado pela chácara – como refúgio. A crise é tamanha que não adianta fugir para lá, é preciso ir « para bem longe ». A natureza nada pode fazer neste caso, porque é portadora da memória do tempo da inconsciência absoluta – o chilreio dos pássaros « traz reminiscências de um mundo tranquilo em que não há conflitos nem angústias » [12].

Ainda que dramática, esta cena não corresponde ao ápice da crise ; portanto, não é agora que se resolve o impasse de Ângela. Estamos no capítulo IX e o romance encerra-se no XXX. De um a outro acompanharemos esta cabra-cega a tatear entre uma e outra possibilidade, cada vez mais cega, cada vez mais desassossegada. Até que uma revelação bombástica se dá e ela decide reagir à altura, fazendo uma denúncia à polícia. Dirige-se à delegacia, a seu ver humilhando-se num ambiente inóspito. Espera por horas o delegado, mas, quando ele chega, não consegue levar até o fim sua determinação. Sai a esmo, faminta, com bolhas nos pés, adormece num banco da Lagoa. Quando acorda, cansada e confusa, quase é atropelada ao tentar atravessar a rua. Começa a conversar com João, o rapaz que quase a tinha atropelado, um completo desconhecido. É então que, despida de todos os seus preconceitos – ela está bem longe daquela dona de si bem composta no momento em que se dá o insólito encontro –, depois de recusar-se a fazê-lo para familiares, amigas ou religiosos, desabafa, contando a ele tudo o que lhe afligia e motivara sua decisão drástica de procurar a polícia.

João é um sujeito diferente de todos os personagens que até aquele momento haviam cruzado com Ângela – e com o leitor – na narrativa. Nada o exaspera na história que ouve, nada é objeto de sua condenação. Ele procura uma explicação para tudo, recusando-se a definir inocentes ou culpados, trabalhando com a ideia de circunstância. A protagonista reage a essa atitude dizendo : « fala como se não houvesse nem bem nem mal. Já não sei em que acreditar. » [13]. O encontro com o desconhecido e a conversa com ele abrem para Ângela uma *via* alternativa às duas entre as quais debatera-se até ali : abandonando seu posicionamento moralista, para o qual era determinante a manutenção da distinção bem e mal, ela rompe com os valores tradicionais, que não substitui por outros. Diverte-se com a ideia de mentir na volta a casa, depois de aceitar o convite do rapaz para um passeio que antes ela condenaria à partida.

A imagem final do livro, uma cena de natureza, contrasta vivamente com o ambiente lúgubre em que a chácara havia se transformado : « na lagoa há chispas prateadas, no céu nuvens róseas, os *flamboyants* incendeiam-se ao sol. Tudo é alegre, festivo. » [14]. O que pode dizer a paisagem sinteticamente descrita no desfecho ? Que Ângela libertou-se do seu modo de relacionar-se com o passado, no que ele tinha de constritor e equivocado. A partir daquele ponto, depois de sua experiência iniciática, para a qual o quase atropelamento foi fundamental, caberá a ela definir o caminho a seguir e quais serão os parâmetros que a ajudarão no percurso. A liberdade que ela conquista é essa, a de poder escolher o caminho. Como ela o fará não é dado ao leitor saber. Nesse passo, as trajetórias se separam e o que será a vida futura de Ângela transforma-se numa completa incógnita. Agora é a vez de o leitor desassossegar-se, pois não há como saber se ela levará adiante a ideia de mentir e vingar-se da família que a fez

12. *Ibid.*, p. 403.
13. *Ibid.*, p. 489.
14. *Ibid.*, p. 490.

sofrer exatamente pela *via* da mentira. Se assim for, ameaça ser tão pífia quanto a de Sílvia a libertação da protagonista e ser curta a festa com que a natureza a recebe no momento de sua libertação.

Tendo estreado nos anos 30, « tempo de partido, tempo de homens partidos », Lúcia Miguel Pereira soube cedo e como poucos que a simples declaração de ruptura com o conservadorismo é insuficiente para uma transformação que não beneficie apenas o indivíduo, homem e mulher, mas alcance toda a humanidade. A clareza com que o viu e registrou em seus romances serve-nos de farol – imagem um tanto gasta, mas sempre útil – para evitarmos cair em tentações simplificadoras.

Referências bibliográficas

CORLEONE, Clara, « Tudo vagabunda », disponível em : `http://lugardemulher.com.br/tudo-vagabunda/`. Acesso em 21/10/2017.

DANTAS, Júlio, « A Eva moderna », in *Figuras d'ontem e d'hoje*, Porto, Lello & Irmão Editores, 1914.

PEREIRA, Lúcia Miguel, *Cabra-cega*, in *Ficção reunida*, Curitiba, Editora UFPR, 2006.

ONU Mulheres, « Princípios de empoderamento das mulheres », disponível em : `http://www.onumulheres.org.br/referencias/principios-de-empoderamento-das-mulheres/` Acesso em 21/10/2017.